

# Rumo ao mercado externo, mesmo sem tradição

por Antonio Ubaldino  
de São Paulo

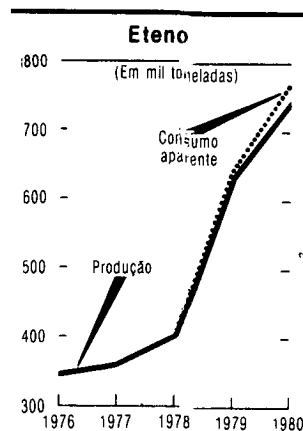
O exterior foi a direção escolhida pelo setor petroquímico que, às voltas com uma queda da ordem de 30% no consumo interno de seus produtos, pretende chegar ao final de 1981 com 9,6 milhões de toneladas de produção. Se atingido, este volume representará um crescimento de 15% sobre o ano passado, obtido pelo setor mais dinâmico da indústria química e que, em 1980, respondeu por cerca de 13% de suas vendas. O crescimento real das vendas da petroquímica, em 1980, chegou perto dos 28%.

O setor estabeleceu a meta de exportar US\$ 500 milhões em doze meses, contados de junho último, segundo acordo assinado com a Cacex. O vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Química e Derivados (Abiquim), Michel Hartveld, disse que, em 1983, o montante exportado poderia chegar aos 700 milhões de dólares.

Hartveld observou que o setor, embora não tenha tradição como exportador, recorreu a esta saída diante do atual nível de atividade econômica no País. Os reajustes dos preços da nafta, a superestocagem, a liberação das taxas de juro e a retração do mercado consumidor trouxeram para a petroquímica uma taxa de ociosidade média de 25%, invertendo uma situação que existiu durante vários anos.

O mercado internacional, no momento, é de difícil acesso, em razão, principalmente, da proliferação de leis protecionistas, normal em tempos de queda do desempenho econômico. Mas, de acordo com os dirigentes do setor, sempre há colocação para produtos bons e de bom preço.

"Temos capacidade instalada, capacidade gerencial e mão-de-obra. Então, por que não exportar produtos acabados? Precisamos é contar com o governo no estabelecimento de uma política creditícia razoável e no acesso à nafta a um preço compatível, já que ela



Fonte: CCI e Centro de "Informações da Indústria Química"  
\* Estimativa do CCI

é um excedente da capacidade nacional de refino. Com isso, poderemos destinar entre 20 e 30% da produção ao mercado externo", disse Michel Hartveld, em uma análise sobre as possibilidades exportadoras do setor petroquímico.

Felipe Fiasco, presidente do Sindicato das Indústrias de Resinas Sintéticas, defende, para melhorar a competitividade dos produtos petroquímicos brasileiros no mercado externo, a adoção de um mecanismo diferente na formação dos preços. Um mecanismo pelo qual seriam suprimidos os custos marginais de produção.

As melhores possibilidades de exportação dos petroquímicos brasileiros, depois de tornados competitivos, estariam na colocação de polímeros nos mercados da África e América do Sul.

Os aromáticos, como tolueno, xileno e benzeno, têm melhores perspectivas no mercado internacional, porque são negociados em "commodities", pelas "trading companies". Mas as olefinas — etileno, estireno, butadieno — só podem ser negociadas pelos produtores quando surgem brechas nos mercados, não atendidos por uma razão ou outra pelos países desenvolvidos.

A Petrobrás, através de suas subsidiárias, Petroquisa e Interbrás, deverá exportar cerca de 1 bilhão de dólares até o final do ano, em derivados petroquímicos. Em junho, de acordo

com a estatal, foram negociados no exterior 54 mil toneladas, no valor de 40 milhões de dólares.

Neste total, de acordo com Carlos Sant'Anna, diretor comercial da Petrobrás, "não foram computadas as exportações da indústria de transformação, que estão recebendo resinas a preços internacionais, para viabilizar a colocação de produtos transformados".

Este fornecimento de resinas "a preços internacionais" começou a ser decidido dia 26 de junho, numa reunião reservada realizada entre o presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, e representantes do setor, no salão nobre da sede da FIESP. A saída da reunião, Ueki disse que a demanda externa por produtos petroquímicos entrara em declínio e que, por isso, medidas de estímulo à exportação eram necessárias. "Precisamos pensar também em garantir o pleno emprego no setor", acrescentou.

O acesso à nafta a preços de excedente do refino, como reivindicado pelo setor, deverá ser facilitado também. Há sobra do insumo, causada pela adição de álcool à gasolina, com a consequente liberação de frações leves utilizadas na petroquímica.

O outro insumo com que o setor conta é o álcool. Sua utilização, que passou de 150 milhões de litros em 1980 para uma previsão de consumo de 500 milhões de litros/ano a partir de 1981, foi exaustivamente debatida durante o I Congresso Brasileiro de Alcoolquímica, realizado em São Paulo.

Na ocasião, enquanto Paulo Cunha, presidente da Abiquim, defendia a concessão de incentivos oficiais para o emprego do álcool na obtenção do eteno, Paulo Vieira Belotti, diretor de relações com o mercado da Petrobrás, argumentava que o melhor destino do álcool seria exatamente na mistura com a gasolina, já que isso deixa mais nafta à disposição da petroquímica. E a nafta é extremamente mais versátil do que o álcool.